

Sumário

Prefácio	9
Introdução	11
1. A tradição	17
2. A linguagem	28
3. A Grande Árvore da Atzilút	36
4. A obra da Criação	49
5. Adão natural: o corpo	58
6. O Adão natural: a psique	68
7. Os escravos no Egito	80
8. A Terra Prometida	86
9. Jacó e Esaú	92
10. O Tzadík	99
11. A Cabala	106
12. Conhecimento objetivo	116
13. Grupos	126
14. A estrutura dos grupos	131
15. A dinâmica dos grupos	139
16. O encontro	147
17. A saída do Egito	155
18. Preparação	164
19. O Método Literal	169
20. O Método Alegórico	179
21. O Método Metafísico	188
22. A vontade	198
23. Estados maiores e menores	213
24. Neshamáh: a alma	216
25. Kavanáh – a intenção	231
26. Preparação	238
27. O Método da Ação	246
28. O Método da Devoção	256
29. O Método da Contemplação	266
30. A ascensão	275
Glossário	286

Prefácio

Todo mundo busca alguma coisa. Alguns procuram segurança; outros, prazer ou poder. Há ainda os que buscam sonhos, ou algo que nem sabem muito bem o que é. Há aqueles, porém, que sabem o que procuram, mas não podem encontrá-lo no mundo natural. Para esses foram deixadas muitas pistas pelos que vieram antes. As pistas estão em toda parte, mas só aqueles com olhos para enxergar e ouvidos para escutar poderão percebê-las. Quando o sentido desses sinais é levado a sério, a Providência abre uma porta para fora do natural e para dentro do sobrenatural, revelando uma escada que vai do efêmero ao Eterno. Quem ousa subir por ela ingressa no Caminho da Cabala.

PRIMAVERA DE 5734.



Figura 1 – A BUSCA

Nesta imagem de inspiração alquimista um indivíduo segue as pegadas da Verdade. Ele carrega uma lanterna porque está no escuro e veste um casaco bem grosso para proteger-se contra possíveis golpes. Carrega também um cajado, o símbolo do Conhecimento, para ajudá-lo no caminho, e ainda um par de grossos óculos, a fim de enxergar o melhor possível. Esses pré-requisitos têm como função ajudá-lo a encontrar o ensinamento esotérico, que transformará uma imagem obscura do universo em uma visão iluminada da realidade. No entanto, antes que isso aconteça, ele terá de identificar as pegadas do Ensino. (Gravura em madeira, séc. XVII)

Introdução

Toda tradição mística tem como objetivo a união com o Ser Supremo. Esse estado de plena realização é alcançado por meio do equilíbrio e da elevação da consciência pelos vários degraus da Existência, até chegar à própria Fonte. Apesar de ser um direito inato de qualquer pessoa, isso é raro, pois são poucos os que conseguem apreender as leis que regem o universo e o desenvolvimento humano.

As tradições espirituais têm como tarefa formular essas leis e mostrar como se deve aplicá-las. Embora seja verdade que as abordagens são diferentes, dependendo da época e dos costumes, a lei segundo a qual os opostos se completam, por exemplo, é geralmente reconhecida no relacionamento entre a teoria e a prática. Na tradição mística de Israel, esses aspectos passivo e ativo da Torá, ou Ensino, são chamados de Cabala especulativa e prática. Seu estudo proporciona o treinamento necessário para a experiência direta. “Cabala” significa “receber”, o que só se torna possível quando as duas disciplinas se unem no ser humano. Esse acontecimento espiritual expressa, em linguagem humana, a Lei das Tríades, que traz o Universo para a existência e depois o devolve ao seu estado original.

A partir do Um até o surgimento dos opostos e suas relações há um passo do infinito até o mundo finito. Ali se encontram o início e o fim da relatividade, em que energia, forma e consciên-

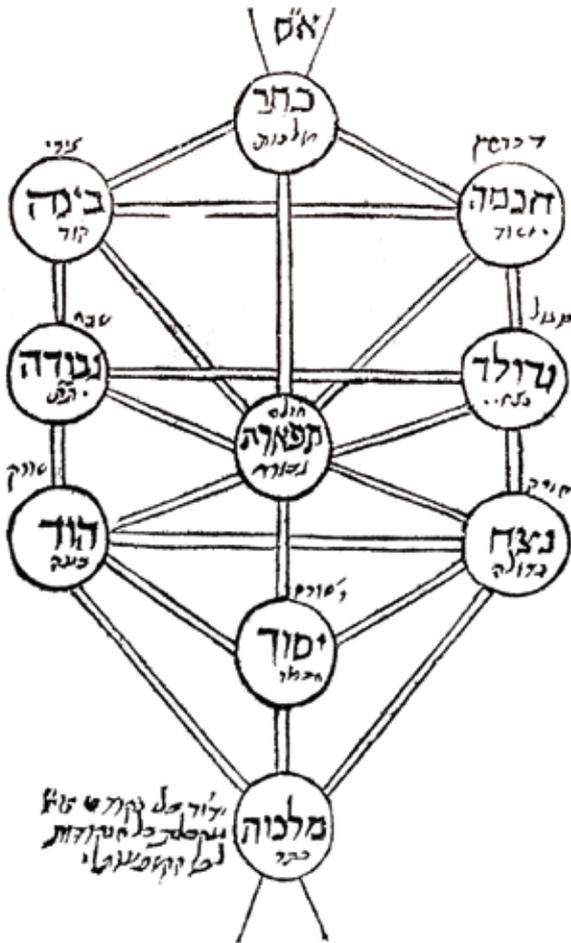


Figura 2 – O ENSINAMENTO

Esta gravura descreve o esquema metafísico básico da Cabala. No alto estão as iniciais das palavras hebraicas *Ein Sof*, que significam “Sem Fim”, título que os cabalistas medievais deram ao Absoluto. Em seguida está a Coroa, o ponto da manifestação da Existência. Em cada um de seus lados, os pilares da Misericórdia e da Severidade, que equivalem aos princípios chineses do *yin* e do *yang*. As *Dez Sefirót*, ou Números, representam as diferentes funções ou níveis, enquanto a coluna central é a da Graça, ou Equilíbrio. As 22 Vias conectam as *Sefirót* e criam as triades que processam as atividades da Árvore. (Moisés Cordovero, séc. XVI)

cia convergem e divergem em um complexo que se estende do Tudo ao Nada. As leis objetivas que governam o universo são descritas pelo diagrama principal da Cabala, chamado “Árvore da Vida”. Esse modelo análogo do Absoluto, do Mundo e do Homem é a chave mestra da Cabala especulativa e prática. Ao vivenciar a Árvore, o cabalista integra a sua realidade, o que lhe permite elevar-se em segurança e fincar um alicerce nos mais altos níveis da Existência. Ao alcançar verdadeiramente esses níveis superiores, ele pode ser contemplado com conhecimentos e percepções sobre assuntos inacessíveis neste mundo, ou tornar-se o canal pelo qual o fluxo da Graça desce do alto. Se isso acontece, ele conclui objetivos como Adão encarnado, entra em harmonia com a vontade de seu Criador em todas as Terras, Édens e Céus. Nesse estado, ele pode vir a elevar-se na Carruagem de sua Alma até o Trono do Espírito, sobre o qual se assenta o Adão Eterno, o Homem Divino, a última instância de realização antes da união total com o Supremo Ser.

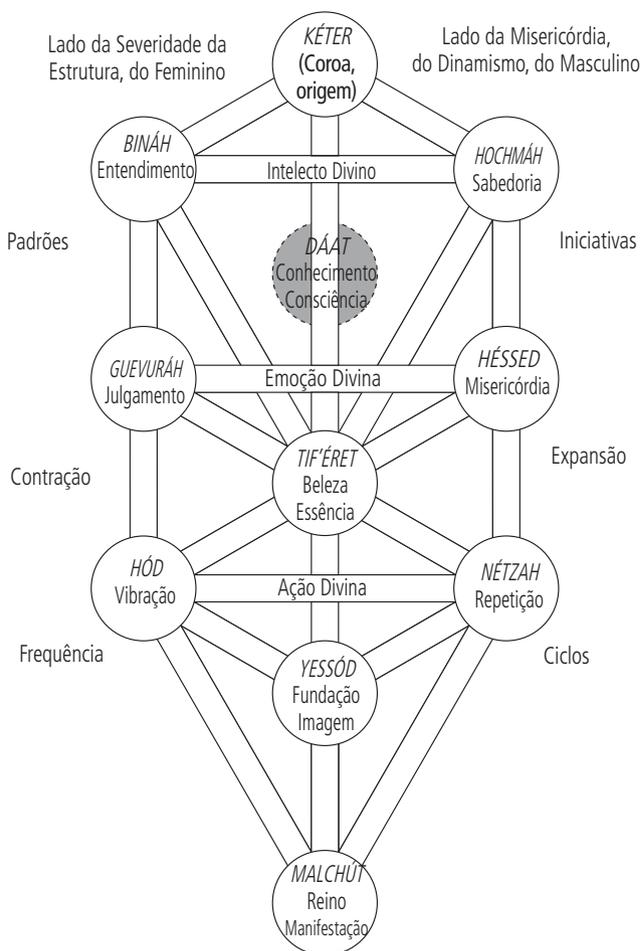


Figura 3 – TRADUÇÃO

Aqui, os elementos metafísicos são dispostos de acordo com sua tradução literal e suas características gerais. Estes são apenas alguns aspectos do potencial de um sistema que governa o todo da Existência. Há várias versões diferentes, mas sua essência é sempre a mesma. Por exemplo, *Guevuráh*, que significa “Poder”, é por vezes chamada de *Páhad*, “Temor”, ou *Din*, “Justiça”. Estes são aspectos de *Guevuráh* aplicados em circunstâncias em que seja necessário limitar excessos. Cada *sefiráh* tem diversas facetas. Existem também sete níveis que descem da coluna central da Árvore. Estes são os diagramas da Consciência.



Figura 4 – O CONHECIMENTO

De acordo com o mito, quando Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, o Sagrado apiedou-se deles e enviou o arcanjo Raziel para lhes dar um livro pelo qual eles poderiam voltar ao Paraíso e até entrar no Céu. Conhecido como Livro de Raziel, o Anjo dos Segredos, ele foi transmitido de geração a geração e por diversas vezes quase se perdeu. A Arca de Noé é o símbolo desse livro e de sua preservação em tempos de calamidade, por causa do abuso, pela humanidade, do livre-arbítrio. Esse conhecimento recebeu muitos nomes e tem se mantido em segredo a fim de evitar o uso incorreto. Atualmente o conhecemos na tradição judaica como Cabala. (Gravura em madeira de Albrecht Dürer, séc. XVI)

1. *A Tradição*

Em toda religião há sempre duas faces, a visível e a oculta. O manifesto pode ser visto em edifícios, clérigos, rituais e escrituras. Estes desempenham a tarefa de influenciar o mundo, levando a ele a percepção de uma Força Superior, de um código moral e ético naquilo que, para as grandes massas, constitui uma existência aguerrida. Obviamente, em certos momentos a pregação se deixa influenciar pelas tendências do mundo e sua autoridade é corrompida, oprimindo tanto a alma quanto o corpo. Contudo, esses fenômenos estão sujeitos à lei da justiça cósmica, e o mal acaba destruindo a si próprio. Toda religião passou períodos desse tipo, que indicam uma fase final de decadência antes que um novo impulso leve essa tradição a um patamar mais elevado.

O novo impulso deriva sempre da face oculta da religião. Muitas vezes centrada em um único homem ou grupo, a luz que um dia iluminou o Ensino retorna para satisfazer às necessidades de uma geração que não suporta mais o modo como seus pais interpretam a Tradição. Esse processo precisa ser contínuo para preservar uma religião. Quando ele não ocorre, o sentido interior logo se transforma em mera forma que, por sua vez, gera costumes vazios capazes de aprisionar o ignorante e afugentar o inteligente. A ironia e o aspecto providencial dessas situações é o fato de que os rebeldes frequentemente

buscam – e encontram – os princípios originais da fé bem longe da instituição convencional e conservadora da própria religião. De fato, muitas vezes, ao estudar as fontes de outra tradição, eles reconhecem os mesmos preceitos e objetivos, por vezes em termos estranhamente mais familiares do que a versão aguada ou ressequida que lhes foi ensinada na infância. Isso acontece porque todas as tradições se congregam.

Essa fonte é a face oculta da Tradição, que volta e meia se manifesta quando os responsáveis pela vida espiritual da humanidade reformulam o Ensino para determinada geração. Essa nova redação da natureza do homem e de seu relacionamento com o mundo e com Deus pode adotar diversas formas, mas sua essência nunca muda. O Ensino é completo e perfeito, embora use diferentes trajes.

A face oculta da religião existe para preservar a Tradição, mas não mediante códigos rígidos. Assim, enquanto o Ensino é colocado por escrito ou revelado por meio de uma festividade, obra de arte ou narrativa, sua essência pode ser comunicada apenas oralmente, nas sutis trocas que ocorrem entre os mais velhos e os mais moços. Isso impede distorções, à medida que a linguagem do passado torna-se opaca com o tempo. Cada geração é ensinada em seu idioma, de modo que, enquanto os termos mudam, o sentido preciso permanece o mesmo na linguagem atual. Esse é o motivo pelo qual muitas escrituras antigas tornam-se ininteligíveis; podemos sentir sua profunda verdade, mas não conseguimos entender sua linguagem ou seus símbolos porque foram escritos para os filhos daquela época. Isso, porém, não as invalida. Algumas, como a Bíblia, são tão simples e objetivas que o Ensino se expressa ao longo de milênios. Suas histórias são básicas, sem grande complexidade. Por exemplo, podemos ver, na narrativa da saída dos filhos de Israel do Egito rumo à Terra Prometida, o esforço da

alma para libertar-se das amarras do corpo e suas dificuldades antes de entrar na terra do leite e do mel. Essas escrituras diferenciam-se dos muitos compêndios e manuais religiosos. Cada religião tem suas escrituras, que formam a base da tradição em relação ao mundo a seu redor. Nenhuma das grandes tradições existiria sem elas.

A Tradição Interior é uma linha contínua. A Cabala, diz-se, surgiu com os anjos, os quais foram instruídos por Deus. A Humanidade recebeu suas informações do Arcângelo Metatrón, o qual, conforme as narrativas apocalípticas, transfigurou-se em Enoque, o homem que caminhou com Deus e não experimentou a morte (Gênesis 5:24). Metatrón, segundo a narrativa, manifestou-se ao longo da história na forma de vários grandes mestres, podendo um deles ter sido Melquisedeque, o rei sem pai nem mãe que iniciou Abraão no Conhecimento (Gênesis 14:18-20). Abraão, por sua vez, ensinou a seu filho Isaque, que passou o Ensino a Jacó. Quando Jacó se tornou Israel, pai dos doze tipos humanos formadores da Humanidade, somente Levi revelou-se capaz de transmitir o Ensino. Moisés, um levita, levou a linha adiante, repassando-a a Josué e aos Anciãos de Israel. Davi, o primeiro verdadeiro rei de Israel, estava conectado diretamente à Tradição, como podemos ver em sua bênção a Salomão, que indica seu uso dos atributos de Deus (I Crônicas 29:11). Salomão tinha a chave, mas perdeu-a quando derivou para os ritos de outros deuses. Isso provocou o fim do reino e, tempos depois, a destruição do Templo, em cuja arquitetura estava simbolizada e incorporada a Tradição. Desaparecendo sua manifestação externa, o Ensino ficou clandestino no grande Cativo na Babilônia, mas retornou com a Grande Assembleia de Esdras. Dali em diante, estabeleceu-se paralelamente ao judaísmo ortodoxo, mas sempre secretamente, de modo que, enquanto os eruditos estudavam a Bíblia e seus comentários (que se transformaram no



Figura 5 – A INICIAÇÃO

Aqui Abraão recebe o pão e o vinho da teoria e da prática esotéricas das mãos de Melquisedeque, na futura Jerusalém. Melquisedeque é a manifestação de Enoque, o primeiro ser humano totalmente evoluído, capaz de atravessar o tempo e o espaço. Desse momento em diante, Abrão se chamará Abraão, “O pai de muitos povos”, várias doutrinas da alma. Ele transmitiu o conhecimento a seus descendentes. Ao longo do tempo, o conhecimento passou para os sacerdotes, os juízes e os profetas. Mais tarde, a Tradição foi levada adiante pelos rabinos e, na Idade Média, pelos místicos judeus. Isso permanece assim até hoje. (Esmalte, Idade Média)